

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A METAMORFOSE DO “EU”: REFLEXÕES ACERCA
DA SUBJETIVIDADE DA OBRA KAFKIANA

LETÍCIA IGLESIAS BALSAS MARCELINO

RIO DE JANEIRO
2026

LETÍCIA IGLESIAS BALSAS MARCELINO

A METAMORFOSE DO “EU”: REFLEXÕES ACERCA
DA SUBJETIVIDADE DA OBRA KAFKIANA

Monografia apresentada à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
Licenciatura em Letras – Português e
Alemão.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Pucheu Neto
Leitora crítica: Flávia Trocoli Xavier da Silva

Rio de Janeiro
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M314m Marcelino, Leticia Iglesias Balsas
A metamorfose do "eu": reflexões acerca da
subjetividade da obra kafkiana. / Leticia Iglesias
Balsas Marcelino. -- Rio de Janeiro, 2026.
30 f.

Orientador: Alberto Pucheu Neto.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Alemão, 2026.

1. Franz Kafka. 2. A Metamorfose. 3.
Subjetividade literária. I. Pucheu Neto, Alberto,
orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA IGLESIAS BALSAS MARCELINO

DRE: 122046900

A METAMORFOSE DO “EU”: REFLEXÕES ACERCA
DA SUBJETIVIDADE DA OBRA KAFKIANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português / Alemão.

Data de aprovação: 01/06/2026

Banca examinadora: Prof. Dr. Alberto Pucheu Neto e Flávia Trocoli Xavier da Silva, UFRJ

Assinaturas dos avaliadores:

Dizem que você morre duas vezes. Uma quando você para de respirar e a segunda quando alguém menciona seu nome pela última vez. Portanto, dedico ao meu pai, Roberto Cesar Marcelino, e o immortalizo nesta universidade, na qual ele também se formou.

“Para todas as pessoas que perderam um ente querido e ainda assim tiveram que seguir adiante e continuar com muita força, este prêmio é para vocês. Obrigada por tanto amor, amo vocês.” - Bad Bunny

AGRADECIMENTOS

Esta conquista não é apenas minha, mas também daqueles que vieram antes de mim e dos que caminham ao meu lado. Expresso aqui minha sincera gratidão a todos que se fizeram presentes e, de alguma forma, participaram dessa jornada.

À minha família, especialmente à minha mãe, Márcia Iglesias Balsas, por todo o incentivo às minhas ambições, por acreditarem no meu potencial e não me deixarem duvidar dele em nenhum momento.

Ao meu parceiro de vida, Pedro Tavares Peçanha, que acompanha minha trajetória acadêmica desde o início. Obrigada por me apoiar e me impulsionar com tanta sensibilidade e lealdade ao longo desses incríveis anos. Eu te amo.

À minha pequena Miley, pela companhia que torna os dias mais leves. Ela não sabe o que é monografia, prazo, nota... mas esteve ali em tudo. Sua presença me sustenta e é lembrança constante da importância do afeto.

Aos meus amigos da UFRJ, por terem sido minhas âncoras. Vocês me deram força diariamente, com um simples sorriso no corredor ou com apoio nos dias mais difíceis.

Ao meu brilhante orientador Alberto Pucheu, que no início de 2023 já dizia palavras que conversavam com minha alma, por me ajudar a escrever o que eu tanto quis expressar. Sou grata por me entender e ajudar a deixar meu trabalho como eu sonhei.

Este é o capítulo final de uma história que eu não teria conseguido escrever sozinha.

RESUMO

MARCELINO, L. I. B. **A metamorfose do “eu”: reflexões acerca da subjetividade da obra kafkiana.** Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras: Português e Alemão), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

Este trabalho propõe uma leitura da obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, por meio de uma abordagem interpretativa que valoriza a multiplicidade de sentidos possíveis diante de sua narrativa metafórica. São relacionadas à obra diferentes correntes filosófico-literárias, como o pensamento do absurdo, o existencialismo, o surrealismo e o estoicismo, que ajudam a interpretar diferentes camadas de sentido da obra. Além disso, são exploradas possíveis relações entre a narrativa e transtornos como a ansiedade, depressão e despersonalização, observados na perda de controle e na pressão por desempenho vividas pelo protagonista. O eixo central dessa análise é a despersonalização como consequência psíquica do trauma, entendida aqui como representação do processo de esmaecimento do eu vivenciado por Gregor Samsa. A partir de uma perspectiva subjetiva, este estudo busca refletir sobre como Kafka expressa vivências humanas marcadas pela incomunicabilidade, exclusão e perda de identidade.

Palavras-chave: Franz Kafka; *A Metamorfose*; subjetividade literária.

ABSTRACT

This study proposes a reading of *The Metamorphosis* by Franz Kafka through an interpretative approach that values the multiplicity of meanings made possible by its metaphorical narrative. Different philosophical and literary currents are related to the work, such as absurdist thought, existentialism, surrealism, and stoicism, which contribute to the interpretation of its various layers of meaning. In addition, possible connections are explored between the narrative and conditions such as anxiety, depression and depersonalization, observed in the protagonist's loss of control and the pressure to perform. The central focus of the analysis is depersonalization as a psychological consequence of trauma, understood here as a representation of the process of the fading of the self experienced by Gregor Samsa. From a subjective perspective, this study aims to reflect on how Kafka expresses human experiences marked by incomunicability, exclusion, and loss of identity.

Keywords: Franz Kafka; *The Metamorphosis*; literary subjectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Contexto histórico e social da obra	12
2. OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DO AUTOR	13
2.1. Trauma transposto à escrita: angústias, isolamento e identidade	13
3. ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE KAFKIANA	15
3.1 Um olhar através do existencialismo e do absurdo	19
3.2 A obra à luz do surrealismo	20
3.3 Análise psicológica da metamorfose mental pós-trauma	21
3.3.1 O ansioso e depressivo colapso diante da sobrecarga	24
3.4 Uma leitura sob o olhar estoico	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”. A frase que abre ao leitor as portas de *A Metamorfose*, de Franz Kafka, é simultaneamente direta e enigmática, instaurando, desde o primeiro momento, uma tensão entre o banal e o extraordinário. Em poucas palavras, o leitor é conduzido a um universo no qual o absurdo se apresenta como dado da realidade, sem explicações ou justificativas, e no qual a transformação física do protagonista desencadeia outras metamorfoses, de ordem subjetiva, psíquica e identitária. Trata-se de uma obra que, ao mesmo tempo em que se insere no cânone da literatura, permanece aberta a múltiplas leituras, por sua natureza simbólica e por sua recusa em oferecer sentidos unívocos. O autor, reconhecido por explorar temas como alienação, culpa, medo, burocracia opressiva e crise de identidade do sujeito moderno, constrói uma escrita marcada por uma prosa atmosférica, isto é, uma linguagem que não apenas narra acontecimentos, mas cria um campo sensorial e emocional capaz de envolver o leitor em uma experiência de estranhamento e inquietação.

Esse caráter manifesta-se na construção de um ambiente que oscila entre o familiar e o perturbador, produzindo uma sensação constante de sufocamento e deslocamento. Além disso, o estilo melancólico de Kafka apresenta uma dimensão quase orgânica, na medida em que sugere a degradação progressiva do corpo e da subjetividade, aproximando a experiência humana de processos de desgaste, decomposição e perda. Nesse sentido, a narrativa kafkiana revela inquietações existenciais que dialogam profundamente com aspectos da trajetória pessoal do autor. A relação conflituosa com a figura paterna, a sensação de inadequação, a fragilidade física e emocional e a constante percepção de deslocamento social e afetivo encontram, em sua obra, uma forma de expressão simbólica e literária. Assim, é possível considerar que a produção de Kafka não apenas reflete, mas também elabora, por meio da linguagem, experiências subjetivas marcadas pela angústia e pela incomunicabilidade. *A Metamorfose*, nesse contexto, destaca-se como uma de suas narrativas mais emblemáticas, justamente por condensar, de maneira intensa e sugestiva, essas tensões entre o indivíduo e o mundo que o cerca.

Partindo dessas considerações, este trabalho se orienta pelas seguintes questões: qual o limite entre a metamorfose física e a metamorfose mental? Em que momento, ao retratar a transformação súbita de um homem em inseto, a narrativa deixa de se restringir ao plano literal e passa a operar como um espelho da mente humana? A partir dessas perguntas, propõe-se investigar os pontos de interseção entre o concreto e o simbólico no texto,

compreendendo a metamorfose não apenas como evento narrativo, mas como metáfora de processos psíquicos e existenciais mais amplos. Dessa forma, a análise se volta para temáticas intrinsecamente humanas, como o sofrimento psíquico, o sentimento de incompreensão, o abandono, o não pertencimento e a busca por sentido em uma realidade que frequentemente se apresenta como indiferente ou incompreensível. Nesse contexto, a experiência de Gregor Samsa pode ser lida como a apresentação de um sujeito que, ao perder sua função social e sua capacidade de comunicação, vê-se progressivamente excluído do convívio humano e reduzido a uma condição de invisibilidade e insignificância.

O presente estudo tem como objetivo evidenciar como a escrita de Kafka possibilita uma multiplicidade de interpretações, permitindo ao leitor diferentes caminhos de compreensão da condição humana diante do sofrimento, da perda de sentido e da fragmentação da identidade. Tal abertura interpretativa contribui para a permanência e a relevância da obra ao longo do tempo, reafirmando seu caráter atemporal e sua capacidade de dialogar com diferentes contextos históricos e teóricos.

Ao expor a angústia, a solidão e o esvaziamento do sentido da existência, a narrativa de *A Metamorfose* estabelece diálogos com diversas correntes filosófico-literárias. O existencialismo se faz presente na problematização da liberdade e da condição humana diante de uma realidade sem garantias de sentido; o pensamento do absurdo evidencia o confronto entre o indivíduo e um mundo que não oferece respostas; o surrealismo manifesta-se na ruptura com a lógica realista e na aproximação com a linguagem do sonho e do estranhamento. Paralelamente, a obra permite uma leitura de ordem psicológica, na qual manifestações como ansiedade, depressão, despersonalização e desrealização podem ser compreendidas como respostas psíquicas ao trauma, à exclusão e à perda de identidade. Nesse sentido, a metamorfose de Gregor Samsa pode ser interpretada como expressão simbólica de um processo de esmaecimento do eu, no qual o sujeito se distancia progressivamente de si mesmo, de seu corpo e de sua inserção no mundo. O estoicismo, por sua vez, pode ser percebido de forma indireta, especialmente na aceitação silenciosa do sofrimento e na adaptação do sujeito a uma condição que escapa ao seu controle. Essas diferentes abordagens, longe de se excluírem, coexistem e se complementam, reforçando o caráter aberto e polissêmico da obra kafkiana. A multiplicidade de leituras não constitui um obstáculo à interpretação, mas, ao contrário, revela a riqueza e a complexidade do texto, que se mantém em constante diálogo com o leitor.

A partir dessas perspectivas, o presente trabalho busca aprofundar a análise de *A Metamorfose*, investigando de que maneira a transformação física de Gregor Samsa pode ser

compreendida como metáfora de processos psíquicos e existenciais desencadeados pelo sofrimento. Ao articular diferentes campos teóricos e interpretar a obra à luz da subjetividade e da experiência humana, pretende-se contribuir para a compreensão da literatura de Kafka como espaço privilegiado de reflexão sobre a condição do sujeito moderno.

1.1 Contexto histórico e social da obra

A Metamorfose, publicada em 1915, está inserida no contexto do início do século XX, período marcado por profundas transformações em todas as esferas, sobretudo a social, econômica e cultural. O avanço da industrialização trouxe a consolidação do capitalismo e o crescimento dos centros urbanos, fatores que mudaram significativamente a relação do indivíduo com o trabalho, o tempo e si mesmo. Nesse cenário, a rotina é regida por uma lógica mecânica e repetitiva, contribuindo para a progressiva perda da individualidade e o esvaziamento da subjetividade humana em uma sociedade marcada pela culpa, repressão e falta de empatia. O contexto da obra também é atravessado por grandes movimentos de pensamento, como o marxismo e a psicanálise, que passam a questionar as estruturas e os efeitos do sistema socioeconômico no indivíduo. Enquanto o marxismo traz questões sobre a alienação do trabalhador e a mercantilização da vida, a psicanálise contribui para uma compreensão acerca dos conflitos internos, traumas e mecanismos psíquicos de defesa. A obra de Kafka dialoga com as inquietações dessas correntes, expressando literariamente as tensões, angústias e contradições da época.

Lê-se que a sociedade retratada por Kafka é atravessada por valores como a culpa, a repressão emocional e a exigência constante de produtividade. O indivíduo é definido por sua função social e por sua capacidade de cumprir deveres, seu valor é definido por sua “utilidade”, enquanto aspectos afetivos e existenciais não são sequer comentados. Tal lógica se manifesta tanto na estrutura burocrática do trabalho quanto no ambiente familiar, que está longe de representar um espaço de acolhimento, assumindo controle e demandas opressivas e normativas, como uma extensão do emprego de Gregor.

No caso do protagonista da narrativa, tais ambientes familiares e profissionais são fatores de intensificação do sofrimento psíquico. Antes da metamorfose física em si, percebe-se que Gregor já era submetido a uma rotina exaustiva e desumanizante, marcada pela submissão ao trabalho e pela total responsabilidade financeira da família. A transformação em inseto pode ser compreendida menos como um acontecimento isolado do

acaso do que como a materialização simbólica de um recorrente processo de anulação do sujeito.

Sob essa ótica, é possível ler *A Metamorfose* como um reflexo crítico da modernidade, por exemplo, na qual a transformação de Gregor Samsa evidencia os efeitos de uma sociedade que oprime, silencia e desumaniza, criando condições ideais para o colapso da identidade e da subjetividade.

2. OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DO AUTOR

2.1 Trauma transposto à escrita: angústias, isolamento e identidade

A compreensão da obra de Franz Kafka torna-se mais ampla e aprofundada quando se considera sua trajetória pessoal, marcada por experiências de ordem física, emocional e existencial. Ainda que não se deva reduzir a produção literária a um reflexo direto da biografia do autor, no caso de Kafka é possível reconhecer uma relação particularmente intensa entre vida e obra, na medida em que suas vivências parecem encontrar, na escrita, uma forma de elaboração simbólica. Sua trajetória foi permeada por sentimentos recorrentes de inadequação, isolamento e deslocamento, como se o autor ocupasse constantemente uma posição de estrangeiro em relação ao mundo que habitava, o que pode ser interpretado como uma das matrizes simbólicas de narrativas como *A Metamorfose*.

Nascido em Praga, em 1883, em uma família judia de classe média, Kafka cresceu em um contexto cultural complexo, situado entre diferentes identidades (alemã, judaica e tcheca), o que contribuiu para o início da construção de seu sentimento de não pertencimento. Esse deslocamento identitário, longe de ser apenas circunstancial, parece ter se internalizado como uma experiência subjetiva duradoura, refletindo-se em sua obra por meio de personagens que frequentemente se encontram em situações de exclusão, incompreensão e marginalização. Sofria de crises existenciais desde muito jovem e enfrentou longos períodos de melancolia e angústia.

A relação com a família, especialmente com o pai, Hermann Kafka, constitui um dos elementos mais decisivos para a compreensão de sua formação subjetiva. Figura autoritária e de temperamento impositivo, o pai exerceu sobre Kafka uma influência marcada por medo, admiração e ressentimento. Essa relação conflituosa é amplamente documentada na *Carta ao pai*, escrita em 1919, mas nunca enviada, na qual o autor expõe, com notável lucidez, o impacto psicológico dessa convivência. O sentimento de inferioridade, a dificuldade de

afirmação pessoal e a constante sensação de inadequação encontram, nesse vínculo, uma de suas origens mais significativas, reverberando em diversas de suas narrativas.

Do ponto de vista profissional, Kafka seguiu a carreira jurídica por influência familiar, formando-se em Direito e trabalhando em companhias de seguros. No entanto, sua verdadeira vocação estava na literatura, à qual se dedicava majoritariamente durante a noite, em um regime de escrita solitário e intenso. Essa divisão entre vida profissional e atividade literária reforça a ideia de uma existência cindida, na qual o sujeito se vê obrigado a conciliar exigências externas com uma necessidade interna de expressão. Tal tensão pode ser percebida em seus textos, que frequentemente tematizam a relação entre o indivíduo e estruturas institucionais opressivas.

A fragilidade física também desempenhou papel relevante em sua trajetória. Diagnosticado com tuberculose em 1917, Kafka passou seus últimos anos submetido a tratamentos que intensificaram seu isolamento e aprofundaram seu estado de melancolia. A experiência da doença, associada à percepção constante da finitude, contribuiu para a construção de uma sensibilidade voltada à degradação do corpo e à vulnerabilidade da existência, aspectos que se manifestam de forma recorrente em sua obra.

No âmbito afetivo, suas relações amorosas foram marcadas por ambivalência, insegurança e dificuldade de entrega. Kafka manteve vínculos intensos, porém frequentemente interrompidos, como nos casos de seus noivados não concretizados. O medo da intimidade e a sensação de não estar à altura das expectativas alheias parecem ter influenciado significativamente sua vida emocional, reforçando o sentimento de inadequação que permeia sua escrita. Segundo o testemunho de Dora Diamant, última parceira do autor, Kafka expressava com frequência o desejo de libertar-se dos “fantasmas” que o acompanhavam. Em seu relato, ela afirma:

Ele não cessava de dizer: “Como eu gostaria de saber se escapei dos fantasmas!”. Com esse apelo, resumia tudo aquilo que lhe havia atormentado antes de sua chegada a Berlim. Parecia obcecado por esta ideia, que exprimia também certo sentimento de revolta. Para libertar sua alma desses “fantasmas”, ele queria queimar tudo aquilo que havia escrito. Eu respeitei sua vontade e, debaixo dos seus olhos, enquanto ele repousava, doente, em seu leito, queimei alguns de seus textos. (DIAMANT, 2011, p. 14)

Esse testemunho revela não apenas o sofrimento psíquico do autor, mas também a relação ambivalente que mantinha com sua própria produção literária. A escrita, ao mesmo tempo em que funcionava como forma de elaboração de suas angústias, parecia também

intensificá-las, como se o ato de escrever implicasse um confronto direto com experiências difíceis de nomear.

Em vida, Kafka publicou apenas um número reduzido de textos, entre eles *A Metamorfose*, em 1915. O reconhecimento mais amplo de sua obra ocorreu apenas após sua morte, em 1924, sobretudo devido à atuação de Max Brod, que, ao desobedecer ao pedido de destruição dos manuscritos, tornou possível a publicação de obras fundamentais. A partir desse gesto, Kafka passa a ser reconhecido como um dos principais nomes da chamada *Weltliteratur*, consolidando-se como figura central da literatura moderna.

A dor, o conflito e a solidão que atravessaram sua vida transformam-se, em sua obra, em matéria literária. No entanto, essa transposição não se dá de maneira direta ou documental, mas por meio de um processo de elaboração simbólica que recorre ao absurdo, à metáfora e a imagens de forte impacto sensorial. A literatura kafkiana pode, assim, ser compreendida como uma forma de dar expressão a experiências que frequentemente escapam à linguagem convencional.

Nesse sentido, sua escrita pode ser interpretada como um espaço de elaboração do trauma, no qual o sofrimento não é simplesmente narrado, mas transformado em estrutura estética. A impossibilidade de comunicação, a fragmentação do eu e a sensação de deslocamento que marcam suas narrativas refletem não apenas uma experiência individual, mas também uma condição mais ampla da modernidade. Assim, a obra de Kafka ultrapassa os limites da autobiografia, alcançando uma dimensão universal ao dar forma, por meio da ficção, a aspectos fundamentais da experiência humana.

3. ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE KAFKIANA

A Metamorfose é uma obra marcada por simbolismos e múltiplas possibilidades interpretativas. Sem eles, a narrativa quase se reduziria a uma ficção de difícil compreensão semântica. O caráter alegórico é fundamental para a compreensão de seus sentidos mais profundos, sobretudo no que diz respeito à subjetividade do protagonista e às críticas que Kafka formula à modernidade, ao trabalho e às relações sociais.

A transformação de Gregor Samsa em inseto constitui um dos símbolos centrais da narrativa kafkiana, operando como metáfora de um processo de desumanização e isolamento que antecede e ultrapassa a metamorfose física em si. Nesse sentido, o inseto passa a representar significados associados à vergonha, alienação e condição do trabalhador oprimido, cuja existência se define quase exclusivamente por sua capacidade de nutrir os meios de

produção. Ao perder sua função social, o protagonista perde também reconhecimento enquanto humano, sendo progressivamente reduzido a uma presença incômoda e indesejada no lar da família Samsa. O processo se reflete diretamente na relação do personagem com o espaço que habita. O quarto fechado, que inicialmente funcionava como seu ambiente privado de descanso, transforma-se em símbolo do isolamento social e emocional pelo qual Gregor está passando. À medida que ele se vê impossibilitado de circular pela casa e de se comunicar com sua família, o confinamento passa a espelhar seu enclausuramento psíquico. A restrição ao quarto não se limita à dimensão física, mas representa a exclusão gradual do convívio humano e da vida social. Assim, o gesto de olhar pela janela adquire um significativo valor simbólico. Quando o narrador observa que Gregor olhava para fora, mostra que o contato com o exterior já não era uma experiência presente, mas uma lembrança distante de um tempo em que a janela simbolizava liberdade. Pode-se dizer que ela também passa por um processo de metamorfose, mas metafórica, tornando-se um limiar entre o mundo do qual Gregor foi segregado e a clausura que passa a definir sua existência. À medida que seu estado se agrava, até mesmo o vínculo indireto com o exterior se enfraquece, passando a viver ainda mais passiva e silenciosamente. Ao permanecer deitado no escuro, Gregor passa a observar a família à distância, por meio da porta entreaberta da sala de estar, contentando-se em ouvir suas conversas sem ser visto. A cena reforça a condição de invisibilidade do personagem, que assiste à rotina familiar como um espectador excluído, autorizado apenas a ouvir, jamais a participar. O isolamento, nesse sentido, não se configura apenas como solidão, mas como seu apagamento progressivo enquanto sujeito no interior da própria casa.

Nesse contexto, os elementos espaciais do quarto, em especial o quadro pendurado na parede e o teto, possuem, também, forte valor simbólico, funcionando como projeções de aspirações humanas e de uma sensibilidade estético-artística que resiste, mesmo que de forma precária, à degradação imposta pela metamorfose.

O quadro da dama envolta em peles, cuidadosamente recortado de uma revista ilustrada e colocado em uma moldura dourada, não se reduz a um simples objeto decorativo: ele constitui um vestígio de gosto artístico e de idealização burguesa, associado à elegância, ao conforto e à distinção social. Trata-se de uma imagem mediada, artificial e estática, que sugere um desejo de beleza e elevação simbólica em contraste com a condição cada vez mais animalesca de Gregor.

A insistência do personagem em preservar o quadro, inclusive como um dos últimos objetos que tenta proteger durante a retirada dos móveis, evidencia seu apego a uma dimensão humana que já não pode mais ser vivida, apenas contemplada. A arte, nesse sentido, não

funciona como possibilidade de libertação efetiva, mas como lembrança de uma humanidade perdida.

De modo semelhante, o teto surge como espaço de elevação e falsa liberdade. Ao rastejar pelas alturas, Gregor experimenta uma sensação de respiração mais livre e uma quase felicidade, como se o afastamento do chão simbolizasse uma tentativa de transcendência de sua nova condição. Contudo, essa elevação é instável e ilusória: o risco constante da queda e, posteriormente, a impossibilidade definitiva de permanecer no alto revelam os limites dessa aspiração. Assim como a arte representada pelo quadro, o teto oferece apenas um simulacro de libertação, incapaz de se sustentar diante da progressiva perda de controle corporal e da exclusão social. Kafka articula esses elementos espaciais para demonstrar como as aspirações humanas, estéticas, simbólicas ou existenciais, permanecem presentes, porém esvaziadas de eficácia, reduzidas a experiências momentâneas que apenas reforçam a distância entre desejo e realidade.

A família Samsa constitui um dos principais vetores de opressão na narrativa, funcionando como instância de controle, dependência e, progressivamente, de indiferença. Desde o início do texto, a relação familiar aparece atravessada por deveres econômicos que recaem quase exclusivamente sobre Gregor, cuja subjetividade é anulada em favor de sua função produtiva. A chegada do procurador, anunciada pelo pai, explicita essa lógica: antes de qualquer preocupação com o estado físico ou emocional do filho, a família se mostra angustiada com a justificativa a ser apresentada à autoridade da firma. Gregor não é interpelado como sujeito, mas como empregado faltoso, e o pai atua como mediador dessa cobrança externa, reproduzindo no espaço doméstico a disciplina imposta pelo mundo do trabalho. Essa dinâmica se intensifica na cena em que o pai, empunhando simultaneamente a bengala do procurador e um jornal, conduz Gregor de volta ao quarto. A carga simbólica da cena é expressiva: a bengala, instrumento de apoio e autoridade, associa-se ao trabalho e à figura do poder institucional; o jornal, por sua vez, remete à sociedade, à ordem pública e à normalidade burguesa que observa, julga e exclui. Ao utilizar ambos para empurrar Gregor, o pai encarna uma figura de castração simbólica. A agressão não se limita ao plano físico, mas atinge o estatuto simbólico de Gregor, definitivamente excluído do convívio familiar.

A transformação do pai, percebida com espanto pelo próprio Gregor, reforça essa leitura. O homem outrora frágil, cansado e dependente do trabalho do filho reaparece agora como figura ereta, enérgica e autoritária, revelando que sua antiga passividade estava diretamente ligada à dependência econômica. Com a metamorfose de Gregor, inverte-se a relação de forças: o pai recupera sua posição de poder à custa da exclusão do filho. Kafka

expõe, assim, como os laços familiares, longe de oferecerem acolhimento incondicional, podem reproduzir as mesmas estruturas de opressão e indiferença que regem a sociedade capitalista, convertendo o espaço doméstico em extensão do sistema disciplinar.

Com a transformação de Gregor Samsa se manifestando de forma imediata no plano físico, a narrativa sugere que a metamorfose ocorre igualmente nos níveis psicológico e social. Ao longo da terceira parte do texto, observa-se que Gregor passa a internalizar sua condição de exclusão, ajustando desejos, afetos e princípios morais à nova posição que ocupa dentro da família e da sociedade. Sua crescente indiferença em relação aos outros, em contraste com a consideração que outrora constituía motivo de orgulho, revela uma reconfiguração subjetiva produzida pelo isolamento prolongado e pela perda de reconhecimento social.

Nesse contexto, o abandono progressivo da empatia não deve ser interpretado apenas como degradação moral, mas como efeito direto de um processo de desumanização social. Destituído de sua função produtiva, Gregor deixa também de ser percebido como sujeito legítimo, o que se reflete em sua própria percepção de si. A elaboração de planos para acessar a despensa, mesmo sem fome, indica uma relação distorcida com a noção de necessidade e de direito: trata-se menos de saciar um desejo do que de reivindicar aquilo que “lhe caberia”, numa tentativa residual de afirmar sua existência em um espaço que já não o reconhece plenamente.

A cena da música aprofunda ainda mais essa ambiguidade identitária. Ao questionar se seria de fato um animal, uma vez que a música ainda o comove, Gregor evidencia o colapso das categorias tradicionais que separam o humano do inumano. A sensibilidade estética, comumente associada à racionalidade e à cultura, sobrevive à metamorfose corporal, sugerindo que a perda de humanidade não decorre do corpo transformado, mas da exclusão social que o acompanha. A arte surge, assim, como último resquício do sujeito em um indivíduo já considerado descartável.

Por fim, a relativa acomodação de Gregor à dor física e à ferida infeccionada em suas costas simboliza o grau extremo de sua adaptação à marginalização. O sofrimento, antes intolerável, torna-se quase imperceptível, naturalizado. Essa anestesia sensorial e emocional pode ser lida como metáfora da exclusão moderna, na qual o sujeito improdutivo não é apenas afastado, mas lentamente convencido de que sua dor é irrelevante. *A Metamorfose*, desse modo, expõe de forma contundente como a sociedade moderna não apenas exclui aqueles que não se encaixam em sua lógica produtiva, mas também os conduz a internalizar essa exclusão como destino.

3.1 Um olhar através do existencialismo e do absurdo

O existencialismo é uma corrente filosófica que enfatiza a busca pelo sentido da vida em um universo aparentemente sem sentido, no qual a existência precede a essência. Kafka não foi propriamente um teórico existencialista, mas é frequentemente associado à corrente devido à natureza de suas obras, que refletem preocupações e questões fundamentais dela e são muito lidas à luz de suas ideias, tornando-o uma figura importante no contexto do existencialismo literário. Em muitos escritos kafkianos, especialmente *A Metamorfose*, os personagens enfrentam situações absurdas e incompreensíveis que os colocam em confronto direto com questões sobre a existência e a condição humana. A obra explora a solidão de Gregor (mesmo cercado por pessoas na casa) em sua busca por sentido, sua angústia de existir desse modo, sua falta de pertencimento na família, sua incomunicabilidade, sua alienação social e sua sensação de impotência diante do incompreensível. A transformação abrupta e suas consequências podem ser vistas como uma metáfora para a alienação, a estranheza e a falta de sentido da vida humana. A condição de Gregor o coloca em uma posição de vulnerabilidade e isolamento, tornando-se uma figura marginalizada e rejeitada, incapaz de encontrar um lugar no mundo. Gregor se vê diante da falta de sentido de sua existência e a incapacidade de encontrar um propósito em sua vida transformada.

Já o pensamento do absurdo, uma corrente que tem como base filosófica o trabalho existencialista de Albert Camus, enfatiza a busca por significado em tal universo aparentemente sem sentido e o desconforto da existência sem um propósito definido, além de refletir sobre a liberdade, a angústia e a resposta humana diante do vazio. Kafka pode ser interpretado à luz do absurdo segundo seu próprio “pai”, Camus, por ressoar com suas ideias sobre o absurdo. Para ele, toda a arte de Kafka consiste em obrigar o leitor a reler. Segundo o autor:

Seus desenlaces, ou suas faltas de desenlace, sugerem explicações, mas que não são reveladas com clareza e exigem, para nos parecerem fundadas, que a história seja relida sob um novo ângulo. Às vezes há uma dupla possibilidade de interpretação, donde aparece a necessidade de duas leituras. É o que pretendia o autor. Mas não estaríamos certos se quiséssemos, em Kafka, interpretar tudo minuciosamente. Um símbolo está sempre expresso no sentido geral e, por mais precisa que seja a tradução, um artista só pode recuperar, através dela, o movimento: não há literalidade. Além disso, nada é mais difícil de entender do que uma obra simbólica. Um símbolo ultrapassa sempre quem faz uso dele e o leva a dizer mais, na realidade, do que tem intenção de dizer. (...) Por um paradoxo singular, mas evidente, quanto mais extraordinárias forem as aventuras do personagem, mais sensível se tornará o

natural da narrativa: é proporcional à diferença que se pode sentir entre a estranheza da vida de um homem e a simplicidade com que este a aceita. Parece que este natural é o de Kafka. (...) É nessas contradições que se reconhecem os primeiros sinais da obra absurda. O espírito projeta no concreto sua tragédia espiritual. E ele só pode fazê-lo através de um paradoxo permanente que dá às cores o poder de expressar o vazio e aos gestos cotidianos a força de traduzir as ambições eternas. (...) Um símbolo, com efeito, pressupõe dois planos, dois mundos de ideias e de sensações, e um dicionário de correspondências entre um e o outro. Esse léxico é que é o mais difícil de se fixar. Mas tomar consciência dos dois mundos assim presentes é colocar-se no caminho de suas relações secretas. Em Kafka, os dois mundos são aqueles da vida cotidiana, de um lado, e da inquietação sobrenatural, do outro. Há na condição humana - é o lugar comum de todas as literaturas - uma absurdidade fundamental, ao mesmo tempo que uma implacável grandeza. As duas coincidem, como é natural. Ambas se apresentam - repitamo-lo - no divórcio ridículo que separa as nossas intemperanças da alma e as alegrias perecíveis do corpo. O absurdo é que seja a alma desse corpo que o ultrapassa tão desmedidamente. Para quem quiser simbolizar essa absurdidade, é em um jogo de contrastes paralelos que será preciso lhe dar vida. É assim que Kafka exprime a tragédia pelo cotidiano e o absurdo pelo lógico. (CAMUS, 2019, p. 91)

Em *A Metamorfose*, isso se reflete no esforço de Gregor em tentar manter a normalidade mesmo diante da anormalidade. Sua rotina persiste, apesar da ruína, pela pressão de ser funcional à sociedade. Para Camus, a transformação representa a terrível iconografia de uma ética da lucidez, sendo também produto do assombro inimaginável que experimenta o homem ao sentir o bicho que se tornou. Ele diz que é nessa ambiguidade fundamental que está o segredo de Kafka. Oscilações entre natural/extraordinário, indivíduo/universal, trágico/cotidiano, absurdo/lógico reaparecem em sua obra e lhe dão sua ressonância e significado. Portanto, é necessário enumerar tais paradoxos e ressaltar tais contradições para compreender a obra absurda.

3.2 A obra à luz do surrealismo

O surrealismo foi um movimento artístico e literário com base filosófica na psicanálise de Freud, que buscava explorar o inconsciente, o irracional e o mundo dos sonhos, desafiando convenções da realidade. Há nele o uso de imagens oníricas surreais, metáforas livres viscerais, associações ilógicas e cenas que parecem sonho ou delírio. Objetiva superar a lógica racional, libertar o pensamento e criar novas realidades. Portanto, muitas características kafkianas têm afinidades com o surrealismo.

O autor criou mundos literários que desafiavam as noções convencionais, suas histórias são repletas de elementos absurdos e situações surrealistas que desafiam a

compreensão racional. Personagens como Gregor Samsa são exemplos de como Kafka explorou ideias que ressoam o surreal. Além disso, frequentemente empregava uma prosa recheada de simbolismos e metáforas, como as técnicas surrealistas de representar o inconsciente e o subconsciente. Diversos críticos e estudiosos reconhecem relações entre seu trabalho e os princípios e técnicas surrealistas. Logo, Kafka pode ser lido como um precursor do surrealismo, visto que suas obras influenciaram profundamente artistas surrealistas que vieram depois dele.

A transformação abrupta e inexplicável desafia a lógica e a realidade, criando um ambiente onde o impossível se torna possível. A descrição detalhada da metamorfose, as consequências dessa transformação e o ambiente opressivo e claustrofóbico da história contribuem para uma atmosfera surrealista. A casa da família Samsa se torna um espaço estranho e distorcido, onde a normalidade é subvertida e os limites entre sonho e realidade se tornam turvos. As interações entre os membros da família e os eventos que ocorrem ao longo da história refletem a preocupação do surrealismo com a exploração do inconsciente e o mundo dos sonhos. A história não se guia pela racionalidade, criando um ambiente onírico e perturbador que ecoa temas centrais do surrealismo.

Das Unheimliche (o estranho, ou infamiliar, ou incômodo) é um conceito desenvolvido por Sigmund Freud em 1919 que descreve um tipo de horror que surge não do desconhecido, mas do familiar que se tornou oculto e estranho. Tal sensação ocorre quando repressões antigas retornam, gerando uma ambiguidade entre o conforto do conhecido e o terror do reprimido. A obra analisa como o medo se alimenta do reconhecimento distorcido de nós mesmos, tornando o íntimo assustador. O Duplo (*Doppelgänger*) é um aspecto do *Unheimliche* que representa a sensação de ver a si mesmo ou encontrar figuras que representam a própria identidade de forma repetitiva ou inanimada. Quando Gregor se vê como um inseto monstruoso, que poderia ser lido como seu *Doppelgänger*, a sensação de horror que o assombra se instaura. O estranho/infamiliar causa no protagonista tamanho incômodo, tal qual o cômodo da casa em que ele vive.

3.3 Análise psicológica da metamorfose mental pós-trauma

Nenhum pedido de Gregor adiantou, nenhum pedido também foi entendido; por mais humilde que inclinasse a cabeça, com tanto mais força o pai batia os pés. (...) Implacável, o pai pressionava, emitindo silvos como um selvagem. (...) Se pudesse apenas girar o corpo, logo estaria no seu quarto, mas temia tornar o pai impaciente com essa operação que demandava tempo - e a todo instante a bengala na mão dele o

ameaçava com um golpe mortal nas costas ou na cabeça. (...) A voz atrás dele já não soava como a de um pai apenas; realmente já não era uma brincadeira. (...) o pai desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante e liberador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do seu quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio. (KAFKA, 2016, p. 31)

A partir de um breve recorte, é possível observar o caráter profundamente desumanizador do tratamento dado a Gregor, tanto por sua família quanto, de forma mais ampla, pelas estruturas sociais que o cercam. Sua transformação não apenas altera sua condição física, mas desencadeia um processo de apagamento progressivo de sua humanidade, evidenciado pela recusa em reconhecê-lo como sujeito digno de afeto, escuta e pertencimento. A reação dos familiares, marcada inicialmente por estranhamento e, posteriormente, por rejeição e indiferença, revela a fragilidade dos vínculos afetivos, já que estes estão condicionados à utilidade social de Gregor. Nesse contexto, ele deixa de ser percebido como membro da família para tornar-se um corpo incômodo, cuja presença perturba a ordem doméstica e precisa ser isolada. Essa dinâmica o insere em uma posição de marginalidade, na qual sua existência passa a ser tolerada apenas enquanto invisível. Incapaz de se comunicar e progressivamente afastado do convívio humano, Gregor vê-se privado não apenas da linguagem, mas também da possibilidade de reconhecimento, elemento fundamental para a constituição da identidade. Assim, sua trajetória evidencia um processo de exclusão que ultrapassa o âmbito familiar e aponta para uma crítica mais ampla às formas de desumanização presentes na sociedade moderna.

É intrinsecamente humano ponderar sobre o que fazer com o amor que se sente por alguém que não está mais por perto. Afinal, o que é o luto senão o amor que perdura, que sobrevive a quem morre? O trauma da perda, tal como experiências traumáticas no geral, tem as mais variadas consequências mentais, pois a mente humana tem truques para garantir a autoproteção. No caso de Gregor, o personagem vive diversos traumas e lutos, tentando lidar com a perda de si mesmo, da relação com sua família, de seu emprego e, por fim, de sua própria vida. Pode-se interpretar que a história aborda, ainda que de forma metafórica, as consequências psicológicas do trauma, como a incomunicabilidade. A incapacidade de se comunicar efetivamente é retratada a partir do momento que a família Samsa não consegue compreender Gregor, apesar de ele se esforçar para se fazer entender. Muitas vezes, o ser traumatizado dá sinais de que precisa de ajuda, em vão. Além disso, há os transtornos de desrealização (DR) e despersonalização (DP), outros mecanismos de defesa ativados pelo

sofrimento mental. Segundo Darcy M. Uchôa (1959), Paul Schilder definiu a despersonalização como

um estado no qual o indivíduo se sente completamente transformado em relação ao seu estado anterior. Esta modificação atinge o eu e o mundo exterior e o indivíduo não se reconhece como personalidade. Seus atos lhe aparecem como automáticos. Ele observa seus atos e comportamento, do ponto de vista de um espectador. O mundo exterior lhe aparece como novo e estranho, tendo perdido o caráter de realidade. (SCHILDER, 1914)

A interpretação de *A Metamorfose* à luz da despersonalização e da desrealização pode ser muito relevante, dada a natureza estranha e surreal da história, visto que os conceitos de perda de si mesmo e apagamento da identidade são explicitamente explorados na obra. Despersonalização é quando alguém se sente desconectado de si mesmo, como se estivesse observando sua própria vida de fora do próprio corpo. Desrealização é uma sensação de estranheza em relação ao mundo ao seu redor, como se as coisas não fossem reais ou estivessem distorcidas.

A partir do grande trauma causado pela metamorfose e por tudo que ocorreu devido a ela, a história de Gregor Samsa ressoa com as experiências de despersonalização e desrealização devido à sua representação da alienação, estranheza e falta de sentido na vida humana. A mudança repentina e inexplicável representa uma desconexão radical de sua identidade e de sua relação com o mundo ao seu redor. Gregor se sente alienado de si mesmo e de sua própria humanidade, incapaz de compreender ou aceitar sua nova condição. As sensações vividas por Gregor podem ser uma metáfora para sentimentos de desconexão e estranhamento, criando um ambiente perturbador e surreal que ecoa as experiências daqueles que sofrem com esses distúrbios e a sensação de que o mundo ao seu redor não é real, ou é distorcido de alguma forma.

Ele se vê em um mundo que parece distorcido e estranho. Ele não consegue mais se relacionar com seu ambiente da mesma maneira, e as interações com sua família e o mundo exterior se tornam cada vez mais alienantes e irreais. O tratamento que ele recebe, sua perda de identidade e sua luta para se adaptar a sua nova condição são fortes traumas, que contribuem para uma sensação de estranhamento e distanciamento do mundo ao seu redor. O próprio ambiente claustrofóbico e opressivo no qual a narrativa se desenvolve contribui para a sensação de irrealidade. A casa da família Samsa se torna um espaço distorcido e disfuncional, onde a normalidade é subvertida e os limites entre realidade e fantasia se tornam

turvos. Portanto, *A Metamorfose* pode ser lida como uma representação vívida da experiência de desrealização, explorando temas de alienação, estranheza e falta de sentido na vida humana, sendo a vivência de Gregor uma metáfora para a sensação de desconexão, estranhamento em relação ao mundo ao seu redor e não reconhecimento de si mesmo.

3.3.1 O ansioso e depressivo colapso diante da sobrecarga

A súbita transformação do personagem representa uma perda total de controle sobre si mesmo e sua realidade, um dos grandes gatilhos da ansiedade. A incapacidade de se comunicar, de sair do quarto ou de ser compreendido gera no leitor uma tensão constante, que lembra o estado de alerta ansioso, no qual o mundo se torna hostil e imprevisível.

Ah, meu Deus! - pensou - Que profissão cansativa que eu escolhi. Entra dia, sai dia - viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e além disso me é imposta essa cansativa de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso! (KAFKA, 2016, p. 8)

Nota-se, logo na segunda página da novela, a profunda insatisfação de Gregor em relação ao seu emprego. Antes mesmo de processar que não estava sonhando e realmente havia se transformado, reflete com um sentimento de exaustão e frustração sobre sua profissão e diferentes aspectos que a ela se relacionam. Logo após compreender que a transformação realmente havia acontecido, Gregor ainda está mais preocupado com o atraso no trabalho, a cobrança do chefe e decepção da família do que com o próprio corpo. Segundo Albert Camus,

...] Samsa, o herói de *A metamorfose*, é um caixeiro-viajante. Eis aí por que a única coisa que o aborrece na singular aventura que faz dele um inseto repugnante é que seu patrão ficará descontente com sua ausência. Crescem-lhe patas e antenas, sua espinha se arca, pontos brancos se lhe espalham pelo ventre e - não direi que isso não o surpreende: o efeito seria falho - isso lhe causa uma "leve chateação". (CAMUS, 2019, p. 94)

Longe de um desespero imediato, ele manifesta uma preocupação quase banal com suas obrigações profissionais. Tal reação pode ser interpretada como indício de um processo de distanciamento psíquico.

Além disso, uma de suas primeiras reflexões na história é:

Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração. Ele iria cair de sua banca! Também, é estranho o modo como toma assento nela e fala de cima para baixo com funcionário - que além do mais precisa se aproximar bastante por causa da surdez do chefe. Bem, ainda que não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais - deve demorar ainda de cinco a seis anos - vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura. Por enquanto, porém, tenho de me levantar, pois meu trem parte às cinco.” (KAFKA, 2016, p. 9)

Também diz ao gerente:

Devo muita obrigação ao senhor chefe, isso o senhor sabe muito bem. Tenho por outro lado de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando. Não me torne porém as coisas mais difíceis do que já são. (KAFKA, 2016, p. 26)

Gregor é convicto de que dependia dele o futuro de sua família, que era sua responsabilidade sempre garantir a ela segurança, dinheiro e estabilidade em todos os aspectos. Tal tipo de preocupação extrema com obrigações, associada ao medo de desapontar e à responsabilidade por outros familiares são traços comuns em transtornos de ansiedade. O excesso de responsabilidade, combinado ao medo da punição, rejeição ou falha, ajuda a construir a atmosfera de sufocamento mental que acompanha o personagem.

A transformação de Gregor pode ser também lida como um símbolo do estado depressivo. Após se tornar um inseto, ele se torna incapaz de agir, de desejar ou de projetar o futuro. Ele permanece confinado, em silêncio, aceitando a exclusão familiar, afinal,

[...] quem nessa família sobrecarregada e exausta tinha tempo para se ocupar de Gregor mais que o absolutamente necessário? [...] O que detinha a família de uma troca de casa era principalmente a total falta de esperança e o pensamento de que tinha sido atingida por uma desgraça como mais ninguém em todo círculo de parentes e conhecidos. (KAFKA, 2016, p. 62)

O trecho supracitado é apenas um dos diversos que ecoam sintomas clássicos da depressão: apatia, desesperança, retraimento e perda de sentido na existência. A maneira como Gregor se vê como um fardo, uma criatura indesejável, indigna de amor, reflete o

discurso interno de muitas pessoas com depressão. A culpa por não conseguir mais trabalhar ou ser "útil" para a família consome sua identidade. Isso pode ser associado ao conceito de culpa depressiva, em que o sujeito se sente responsável por sua própria dor e pela dor alheia.

A leitura à luz de ideias de Sigmund Freud, pai da Psicanálise, por exemplo, permite visualizar um autor que oscila entre a ânsia de compreender a si mesmo e o tédio do desejo de desaparecer. Para Freud, o melancólico perdeu algo que não sabe nomear, porém é consciente de sua perda, o que conversa tanto com o autor d'*A Metamorfose* quanto com a narrativa em si, o que contribui com ainda mais camadas à obra. Portanto, pode-se dizer que os perceptíveis traços melancólicos da escrita de Kafka ressoam fortemente com a pulsão de morte, descrita na obra freudiana da Teoria das Pulsões, que explica a formação psíquica de todo ser humano. Para ele, o inconsciente é a parte mais profunda da consciência e influencia, ainda que indiretamente, o indivíduo, pois armazena lembranças, experiências ou sensações reprimidas e informações excluídas do consciente por serem entendidas como incapazes de ser suportadas. No inconsciente residem os instintos que direcionam a determinado fim. Tais instintos foram organizados por Freud (1915b, 1920) em dois campos: o da pulsão de vida e o da pulsão de morte. A pulsão de morte obedece à demanda que leva ao isolamento, estagnação, atos de destruição, até a morte. Em "Além do princípio do prazer" (1920), observou-se que após um evento traumático, se experimenta um desejo inconsciente pela morte, atenuado pelos instintos de vida ao passar do tempo. Segundo o psiquiatra Juan-David Nasio:

[...] a "morte" que rege essas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a encontrar a calma da morte, o repouso e o silêncio. É verdade que podem também estar na origem das mais mortíferas ações, quando a tensão busca aliviar-se no mundo externo. Entretanto, quando as pulsões de morte permanecem dentro de nós, elas são profundamente benéficas e regeneradoras. [...] Para além de sua diferença, tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam restabelecer um estado anterior no tempo. Seja a pulsão de vida, que, ligando os seres e as coisas, aumenta a tensão, seja a pulsão de morte, que aspira à calma e ao retorno a zero, ambas tendem a reproduzir e a repetir uma situação passada, quer tenha sido agradável ou desagradável, prazerosa ou desprazerosa, serena ou agitada. (NASIO, 1999, 70-71)

Diante disso, nota-se que as pulsões alternam entre si. Em momentos positivos a pulsão de vida se intensifica e em momentos dolorosos ou traumáticos prevalece a pulsão de

morte, tendo como objetivo estabelecer um equilíbrio. Porém, no caso de Gregor, isso não ocorreu. Suas pulsões de vida e morte já não estavam mais em conflito permanente, combinadas para a sustentação da vida. Em situações de luto, nas quais se perde o interesse pelas atividades da rotina, perde-se libido de tais, pois é transferida para a pessoa que foi perdida. No caso do personagem, a pessoa perdida foi ele mesmo. A pulsão de morte do personagem o levou, de fato, a encontrar a calma da morte, o repouso e o silêncio, porém não foi atenuada e se estendeu até sua morte. Portanto, o instinto inconsciente do personagem foi o da morte em detrimento do bem-estar de sua família, mesmo diante de tamanho trauma. Nos segundos finais de sua vida, mesmo após tanto sofrimento, Gregor pensou em sua família com emoção e amor. Ao longo da narrativa, consolidou uma opinião de que precisava desaparecer e a fortaleceu mais do que seus pais e irmã. Por isso, no momento de sua morte, permitiu sem resistência que sua cabeça afundasse e que de suas ventas fluísse seu último fôlego.

Para além disso, há o conceito de “princípio de realidade” quando há uma inibição de prazeres entendidos como perigoso, sendo deslocados para o inconsciente. Há indivíduos que evocam repetidamente situações de dor extrema, padrão comportamental do melancólico caracterizado como assinalando uma neurose, ou seja, um desejo de repetição da dor, que implicará no princípio de morte. O indivíduo melancólico se vê preso em um ciclo de repetição e, se vendo preso na pulsão de morte, não consegue mais encontrar qualquer satisfação em sua vida.

3.4 Uma leitura sob o olhar estoico

No estoicismo, especialmente nas formulações de Sêneca e Epicteto, as paixões, chamadas de *pathē*, são vistas como perturbações da alma que afastam o ser humano da razão e da virtude. O ideal estoico seria a *apatheia*, isto é, a liberdade em relação às paixões desgobernadas, alcançada por meio do autodomínio e da razão. Em contraste, a obra de Franz Kafka parece caminhar na direção oposta: ela não elimina o *pathos*, mas o transforma. Em vez de buscar silenciar a dor, Kafka a transfigura em literatura, fazendo dela uma lente para observar o mundo e a si mesmo. Assim, sua escrita pode ser lida como um campo em que o *pathos*, no sentido mais filosófico e emocional do termo, é não apenas acolhido, mas lapidado. Longe de ser ruído, ele se torna forma, uma expressão estética e simbólica de angústias existenciais, que convida o leitor a um contato direto com o sofrimento humano em sua dimensão mais crua e, ao mesmo tempo, mais universal. Na *Metamorfose*, Gregor Samsa, ao ser transformado em um inseto, encontra-se em uma condição extrema de

sofrimento, emocional e físico. Sua dor não se limita à metamorfose em si, mas à reação da sua família e à perda de sua própria identidade. Essa dor, esse sofrimento, pode ser analisado à luz da filosofia estoica, que vê o *pathos* (paixão) como um obstáculo ao desenvolvimento da razão e da virtude. Segundo os estoicos, a *apatheia*, ausência de paixões descontroladas, é o caminho para a liberdade. A partir dessa perspectiva, a reação de Gregor ao seu novo estado pode ser vista como um movimento em direção ao autodomínio.

Inicialmente, ele se angustia e luta contra a transformação, tentando continuar com sua rotina e manter-se útil para sua família, apesar das limitações físicas que agora enfrenta. Em certo sentido, Gregor parece buscar uma forma de *apatheia*, tentando racionalizar sua situação e aceitar o sofrimento sem permitir que ele o consuma completamente. Ele se submete ao seu destino sem rebeldia, o que pode ser interpretado como uma tentativa de seguir o ideal estoico de controle sobre as emoções e as circunstâncias externas. No entanto, a incapacidade de Gregor de se libertar completamente das emoções que o consomem, o desejo de ser aceito, o sofrimento pelo abandono, a necessidade de manter sua função na família, revela uma falha na busca pela *apatheia* estoica. Ele acaba sendo dominado pelo *pathos* em sua forma mais trágica, já que sua tentativa de conformação e controle não impede que ele sucumba ao sofrimento. A metamorfose de Gregor não é apenas física, mas também emocional e existencial, refletindo o fracasso da razão em domar as paixões que, no caso dele, são intensas e destrutivas. A leitura de Gregor sob a ótica do estoicismo permite questionar se a busca pela *apatheia* é realmente viável ou desejável em uma condição humana tão profundamente marcada pelo sofrimento.

A obra de Kafka, ao contrário da filosofia estoica, parece sugerir que as paixões e emoções, os *patheî*, fazem parte do ser humano e, muitas vezes, são inevitáveis, não podendo ser simplesmente suprimidas. A dor de Gregor, sua humilhação e o sofrimento causado pela sua transformação, torna-se uma imagem para a luta interna que todo ser humano enfrenta diante do sofrimento inevitável da vida. Alguns leitores encontraram elementos de pensamento semelhantes aos estoicos nas situações absurdas de obras kafkianas, em relação ao tema da aceitação do destino, da inevitabilidade da vida, da aceitação do que está além do nosso controle e viver de acordo com a natureza. Albert Camus trabalha com a ideia de aceitação do absurdo e lucidez diante de um mundo sem sentido. Em *O Mito de Sísifo*, há paralelos com aceitar o inevitável e continuar existindo mesmo sem controle. Günther Anders fala sobre a impotência do indivíduo em Kafka e destaca a falta de controle sobre o destino, com foco no que não pode ser mudado e submissão a estruturas maiores. A perspectiva sombria de Kafka sobre a condição humana reflete uma aceitação resignada das

circunstâncias inevitáveis da vida, uma ideia que ecoa os princípios estoicos de encontrar serenidade diante das adversidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1915, Franz Kafka recebeu o Theodor Fontane-Preis, o único grande prêmio literário concedido a ele em vida. A indicação partiu de Carl Sternheim, que, ao recusar o prêmio, sugeriu Kafka como o verdadeiro merecedor. Ainda que esse reconhecimento não tenha projetado o autor imediatamente ao grande público, ele evidencia que sua originalidade e força estética já eram percebidas por alguns de seus contemporâneos mais atentos. Trata-se de um reconhecimento precoce, porém restrito, que antecipa a consagração crítica que se daria apenas décadas mais tarde.

A recepção da obra kafkiana, portanto, não se caracteriza por um sucesso imediato, mas por um processo gradual de assimilação, marcado por estranhamento e resistência. Seus textos, desde o início, foram percebidos como difíceis de classificar, deslocando-se entre o fantástico e o realista, o absurdo e o cotidiano, o simbólico e o concreto. Essa ambiguidade estrutural contribuiu para que sua obra fosse inicialmente marginalizada dentro dos parâmetros literários mais tradicionais.

Após sua morte, em 1924, o destino da obra de Kafka passa a depender diretamente da ação de Max Brod, responsável por editar e publicar grande parte de seus manuscritos. A decisão de Brod de desobedecer ao pedido explícito de Kafka, que solicitara a destruição de seus escritos, constitui um dos episódios mais discutidos da história da literatura moderna. O gesto levanta questões éticas e interpretativas que atravessam a recepção crítica do autor até os dias atuais. O pedido de destruição pode ser compreendido como expressão de uma tensão interna característica da subjetividade kafkiana. Ao confiar seus manuscritos a alguém que já havia declarado publicamente que não os destruiria, Kafka parece inscrever, nesse gesto, uma ambivalência fundamental: o desejo de apagamento coexistindo com o de permanência. Essa contradição dialoga diretamente com temas centrais de sua obra, como a fragilidade do eu, a culpa, a exposição e a impossibilidade de controle sobre o próprio destino.

Max Brod, por sua vez, desempenha papel decisivo na construção da imagem pública de Kafka. Desde os primeiros escritos, Brod reconhecia no amigo um talento singular, incentivando sua produção, promovendo seus textos junto a editores e defendendo sua importância literária ainda em vida. Após a morte de Kafka, Brod não apenas organiza e publica obras fundamentais como *O Processo* e *O Castelo*, mas também contribui para a

consolidação de uma leitura que enfatiza aspectos existenciais, religiosos e metafísicos da obra kafkiana.

A publicação póstuma desses romances, juntamente com a crescente circulação de textos como *A Metamorfose*, ampliou significativamente o alcance da obra de Kafka, permitindo que ela fosse incorporada ao debate intelectual do século XX. Ele se consolida como figura central da literatura modernista, deixando um grande legado e impacto na literatura mundial. A partir das décadas de 1930 e 1950, Kafka passou a ser visto como escritor de nicho e seu trabalho passou a ser objeto de análise por parte de grandes intelectuais, que encontram em sua escrita uma forma singular de expressão das angústias modernas.

Entre esses intérpretes, destaca-se Albert Camus, que insere Kafka no contexto do pensamento do absurdo, ressaltando a maneira como sua obra articula o cotidiano e o inexplicável, a lógica e o incompreensível. Para Camus, a força da escrita kafkiana reside justamente na capacidade de apresentar o absurdo não como ruptura evidente, mas como continuidade do real, instaurando um desconforto que emerge da própria normalidade.

Além disso, a recepção crítica de Kafka ao longo do século XX revela uma característica fundamental de sua obra: sua abertura interpretativa. A multiplicidade de leituras possíveis, que incluem abordagens filosóficas, psicológicas, sociológicas e até teológicas, evidencia o caráter profundamente simbólico de sua escrita. Tal pluralidade contribui para que Kafka seja constantemente revisitado, reinterpretado e atualizado, mantendo sua relevância em diferentes contextos históricos e culturais.

No campo literário, a influência de Kafka é vasta e duradoura. Seu estilo, frequentemente descrito como preciso, econômico e ao mesmo tempo carregado de tensão atmosférica, influenciou gerações de escritores. O adjetivo “kafkiano”, incorporado ao vocabulário crítico e cotidiano, passou a designar situações marcadas por opressão difusa, lógica incompreensível e sensação de impotência diante de sistemas impessoais.

Autores dialogam, em diferentes graus, com o universo kafkiano, seja pela tematização do absurdo, seja pela exploração da condição humana em contextos de crise e desamparo. Essa influência não se limita à literatura, estendendo-se também ao cinema, ao teatro e à filosofia contemporânea.

Dessa forma, pode-se afirmar que a recepção de Kafka percorre um caminho que vai do reconhecimento restrito à consagração universal. Se, em vida, sua obra circulava em um espaço relativamente limitado, no século XX ela se transforma em referência incontornável para a compreensão da modernidade. Sua escrita, marcada pela ambiguidade, pela tensão e

pela abertura interpretativa, continua a provocar leitores e críticos, reafirmando sua posição como um dos autores mais influentes da literatura mundial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KAFKA, F. **A Metamorfose**. Companhia das Letras, 2016;
- CAMUS, A. **A esperança e o absurdo na obra de Franz Kafka**. In: O mito de Sísifo. Record, 2019;
- DIAMANT, D. **Minha vida com Franz Kafka** - Parte III. Tradução de Francisco Merçon. Carvalho, A. (dir.) A Palavra, Alegre-ES, nº 172, nov. 2011. Coluna Pensar por escrito, p. 14;
- UCHÔA, D. **Psicopatologia da despersonalização**. In: Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Academia Brasileira de Neurologia (ABNEURO), Sep 1959. Vol. 17, no. 3, p. 267-284;
- SCHILDER, P. **Selbstbewusstsein und Persönlichkeitbewusstsein (Eine psychopathologische Studie)**. Springer Verlag, Berlin, 1914;
- SERPA, F. **Entre Eros e Thanatos: resabios de morte do ser melancólico em “psicologia de um vencido”**, de Augusto dos Anjos, 2019.
- FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Autêntica, 2013;
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a [1920]. p. 11-76.;
- FREUD, S. **Obras completas volume 14**. Companhia das Letras, 2010;
- NASIO, J. **O prazer de ler Freud**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;
- ANDERS, G. **Kafka: pró e contra**. Cosac & Naify, 2007;
- LÖWY, M. **Franz Kafka: sonhador insubmisso**. Azougue Editorial, 2005;
- JANOUGH, G. **Conversas com Kafka**. Novo Século, 2008;
- GUATTARI, F. ; DELEUZE, G. **Kafka: Por uma literatura menor**. Autêntica, 2014;
- BROD, M. **Franz Kafka: Uma biografia**. Ulisseia, Lisboa, 1954;
- CORNGOLD, S. **Metamorphosis: the Metamorphosis of the Metaphor**. In: Franz Kafka: the necessity of form. Londres: Cornell University Press, 1988;
- SOKEL, W. **The writer in extremis: Expressionism in 20th century German literature**. Stanford: Stanford University Press, 1959.
- KOFMAN, S. **Metaphor, Symbol, Metamorphosis**. In: Nietzsche and Metaphor. Duncan Large, 1972.